

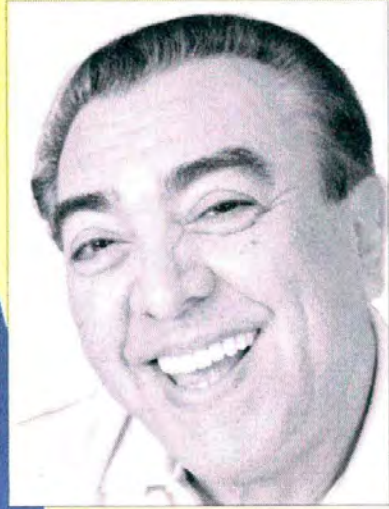
DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IX Nº 111/116
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Impresso
444/2003/DR/BSB
CÂMARA
LEGISLATIVA
...CORREIOS...

Maurício de Sousa



Brasília

45 anos

Patrimônio
da humanidade

Gênio
da
história
em
quadrinhos



© MSP

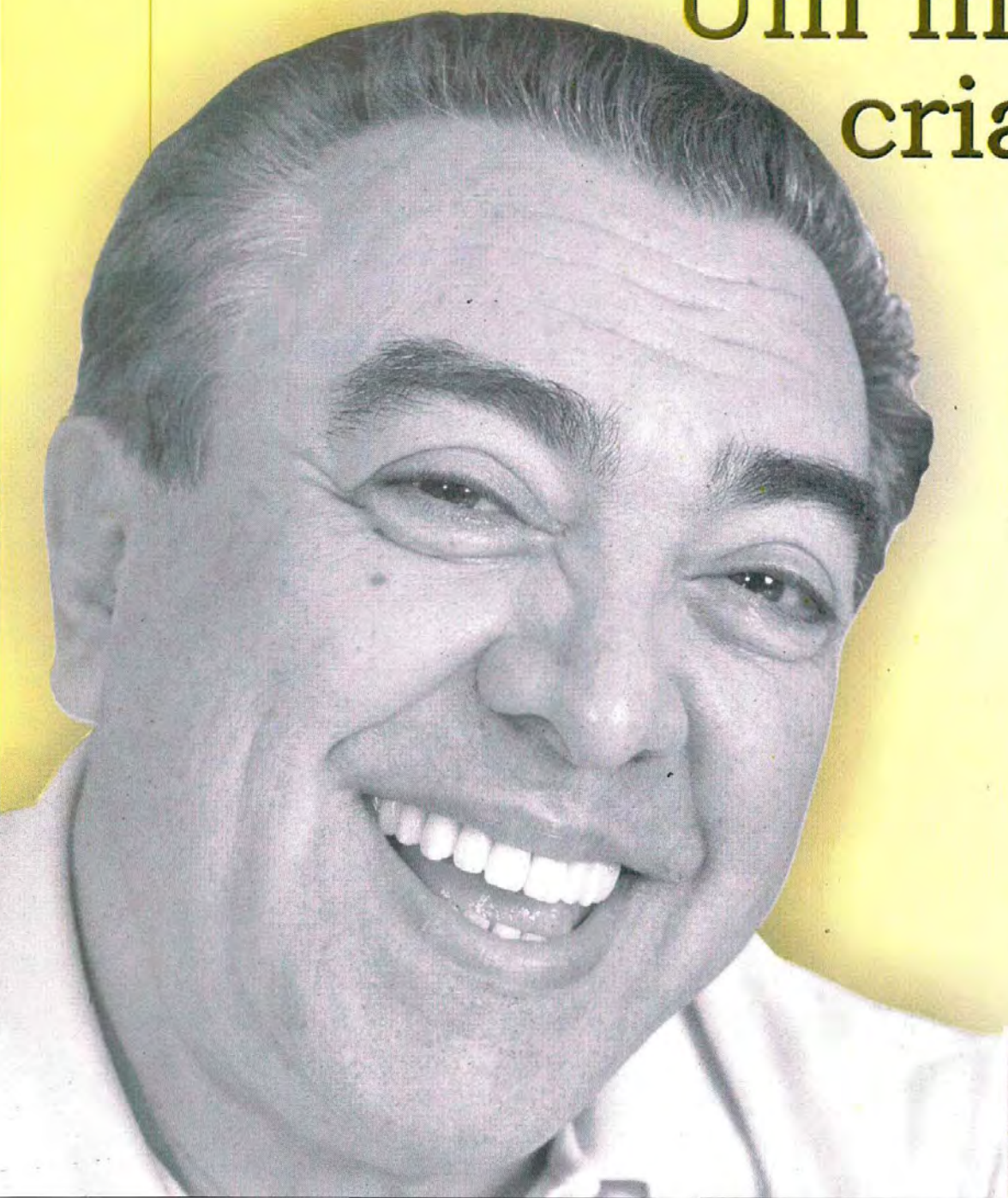
E N T R E

Maurício

Histórias em
Um mundo
crianças

Um olho no

Uma mão no



DF LETRAS

de Sousa

quadrinhos

especial para
e adultos

lâpis e outro no mouse
Ou
lâpis e outra no mouse



□ DAISE LISBOA

O desenhista Mauricio de Sousa não tem do que se queixar. O bom humor que marca a personalidade de seus 200 personagens e enriquecem suas histórias fazem parte do seu cotidiano e do seu modo de ser. Artista por natureza, conseguiu mostrar e dividir com o Brasil e o mundo as maravilhas que a imaginação lhe proporcionou.



Com mais de 45 anos de profissão, a satisfação de agradar ao público – infantil e adulto – deixa o artista orgulhoso. A tiragem de suas revistas, editadas pela Editora Globo, é de cerca de dois

milhões de exemplares por mês e corresponde a 70% do mercado editorial infantil de quadrinhos.

O site www.monica.com.br é visitado por cerca de 1 milhão de *pay per view* por dia, público composto por crianças e adultos, que navegam no mundo virtual da Turma da Mônica.

"Qualquer avanço para desenvolver a arte é mais uma ferramenta que não pode ser desperdiçada. Não podemos ter preconceitos se a tecnologia está aí para nos ajudar", explica o desenhista referindo-se à informatização da arte.

Segundo Mauricio, ele e sua equipe nunca ficaram parados nesses anos todos. "Estamos sempre nos inserindo nas mais diversas mídias, utilizando os recursos tecnológicos disponíveis no mercado. Temos

de estar na internet e nos jogos, como estamos, somando tudo às revistas, livros e nossas demais atividades", ressalta.

Enfrentando a competição

De acordo com o desenhista, no início dos anos 60 a Disney tinha presença "pesada" e quase que exclusiva nas bancas. Experiências de desenhistas brasileiros, realizadas na década de 50, não tinham vingado, não só por motivos econômicos mas porque durante esse período desenvolvia-se uma campanha acirrada contra as histórias em quadrinhos no País.

Quem quiser saber mais detalhes desse tempo difícil para os artistas brasileiros pode conhecê-lo no recém-lançado livro da Companhia das Letras, *A guerra dos quadrinhos*, de Gonçalves Júnior. "Mas em 1960, alheio à guerra entre os prós e os contras quadrinhos, eu já estava com um ano de publicação de tiras diárias na Folha da Manhã, hoje Folha de São Paulo". Foi lá que comecei minha carreira de desenhista.

"Quando cheguei à redação da Folha de São Paulo, queria mais era desenhar. Mas não consegui vaga". Sugeriram que ele deveria fazer outra coisa qualquer no jornal, na redação. "Assim me tornei repórter policial. Era a vaga que havia para mim. Mas o que eu queria mesmo era ser desenhista. E na oportunidade que apareceu, depois de alguns anos, tirei a capa e o



De repórter policial a desenhista na "Folha de São Paulo", onde tudo começou

chapéu de repórter e me tornei o que sou hoje."

Naquele mesmo ano, 1960, Mauricio de Sousa aceitou um convite da então Editora Outubro, feita pelo diretor de arte Jayme Cortez, para lançar uma revista mensal chamada "Bidu", que infelizmente chegou somente até a 6ª edição.

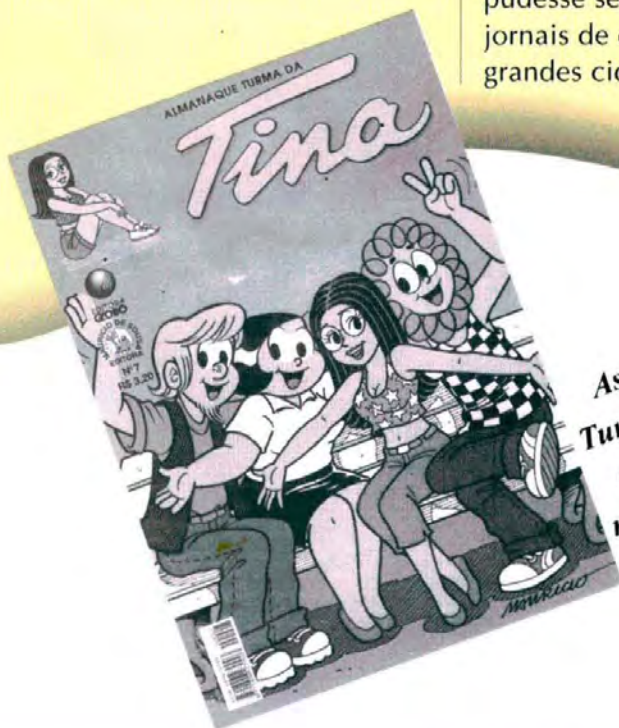
"Eu não tinha estrutura para escrever, desenhar, arte-finalizar uma revista por mês, sendo, ainda, repórter policial nas horas normais do dia." Não obstante, as tiras no jornal começavam a fazer bonito, a se tornar populares, com os novos personagens. "Mas ainda rendiam pouco quando publicadas num só jornal", justificou.



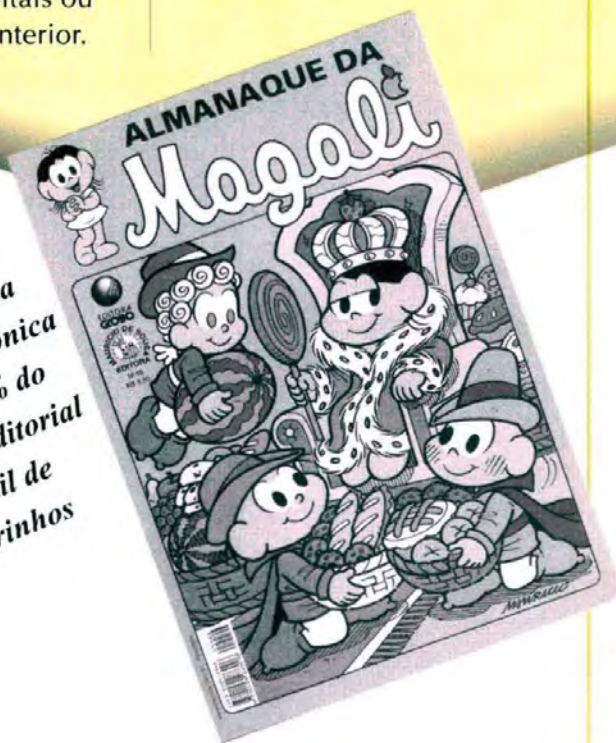
Os novos talentos nunca devem deixar de ir em busca de seus sonhos. Leiam e estudem bastante e corram atrás de seus ideais

Foi nessa época que passou à fase seguinte do seu plano de expansão do material. "Criei um sistema de redistribuição que permitia que a tira publicada na Folha também pudesse ser publicada em jornais de outras capitais ou grandes cidades do interior.

Ao mesmo tempo iniciei a contratação de artistas para comporem uma equipe que me permitiria aumentar e diversificar a produção de historietas". Durante toda a década de 60, trabalhou com



As revistas da Turma da Mônica detêm 70% do mercado editorial infantil de quadrinhos





Maurício de Sousa e sua filha Mônica

jornais de todo o País, oferecendo tiras diárias e páginas tablóides para suplementos semanais. A equipe chegou a atingir mais de 300 jornais durante esse período, vencendo, assim, diversas barreiras que impediam personagens brasileiros de serem aceitos por jornais e pelo público diferenciado de, praticamente, todos os estados do Brasil. A simpatia dos personagens, o jeito de eles se comunicarem com o público (principalmente crianças), o cuidado com os temas, com o conteúdo, com a arte ajudaram nessa receptividade. Se nos primeiros anos da década de 60 Maurício ainda

enfrentava aqui ou ali algumas manifestações preconceituosas contra sua forma de comunicação por meio de quadrinhos, com o passar dos anos essas



MAURÍCIO

resistências e ações foram diminuindo até alcançar uma relação de receptividade e paz junto aos pais, professores e autoridades.

"Por esse tempo o colega Ziraldo também participou desse movimento de afirmação da história em quadrinhos junto ao público brasileiro com seu sensacional Pererê". Sua revista, como a de Mauricio, a revista "Bidu", foi lançada em 1960. Circulou durante quatro anos e marcou época pela proposta e originalidade.

"Por tudo isso, vocês vêem que não foi tão fácil emplacar personagens brasileiros e mantê-los populares e queridos", destaca Mauricio. "Realmente houve muito preparo, trabalho e cuidado para que as histórias se mantivessem atraentes e chegassem até hoje com a mesma receptividade de sempre", considera.

Diante disso, Mauricio de Sousa acredita que a capacidade de

Criação dos personagens

São mais de 200 personagens, entre eles:

Bidu: o primeiro personagem de Mauricio de Sousa, criado em 1959

Luca, Dorinha e Bloguinho

foram criados em 2004, tendo suas primeiras edições publicadas em: Dorinha (novembro de 2004), Bloguinho (novembro de 2004) e Luca (dezembro de 2004)

Franjinha: 1959

Anjinho: 1960 e apareceu pela primeira vez na tira nº 452 do Cebolinha, que era publicada em jornais

Jotalhão: 1962

Tina: 1964

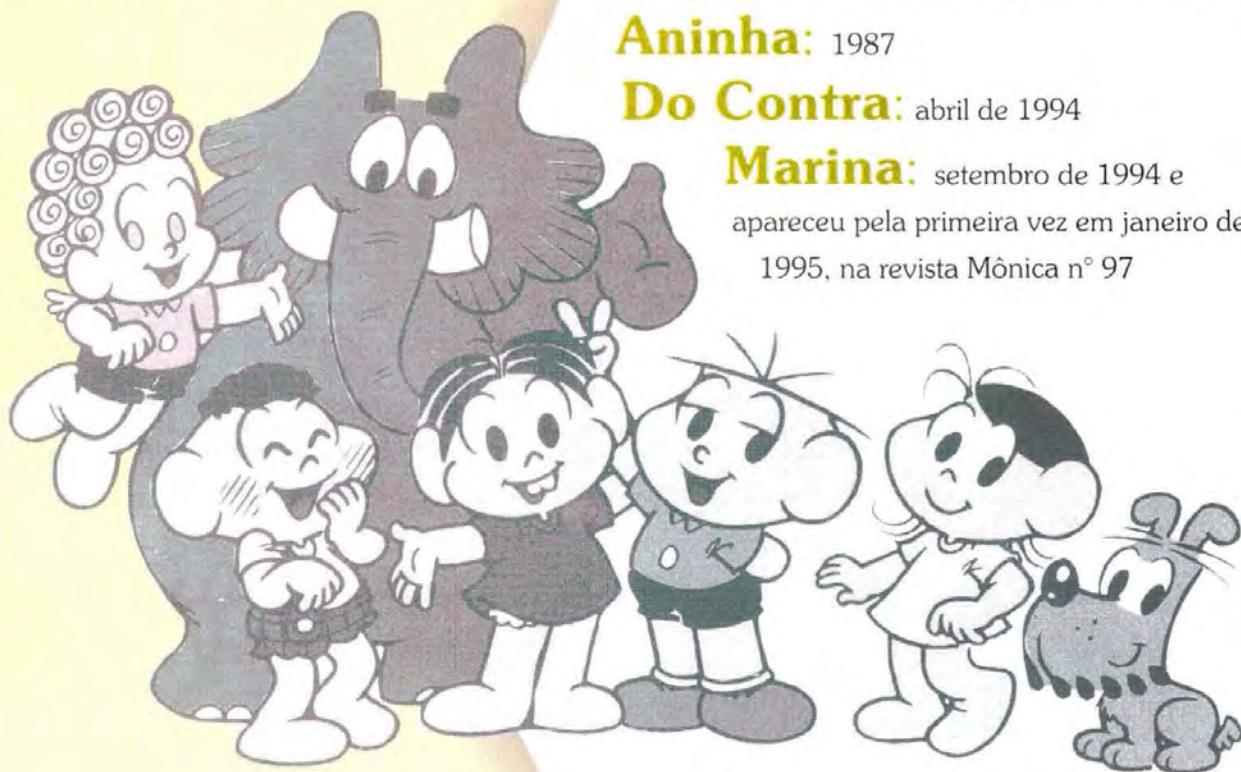
Titi: 1970

Capitão Feio: criado em 1972 e apareceu pela primeira vez na revista Mônica nº 31

Aninha: 1987

Do Contra: abril de 1994

Marina: setembro de 1994 e apareceu pela primeira vez em janeiro de 1995, na revista Mônica nº 97



criação dos brasileiros não foge à regra. "Vejo que com estímulo, condições e liberdade, qualquer ser humano pode ser bastante criativo". Para os novos talentos incentiva a nunca deixarem de ir em busca de seus sonhos, ler e estudar bastante. "Há muitos talentos novos surgindo e, com certeza, teremos artistas brilhantes no futuro", diz, otimista.

Perfil dos personagens

Os 200 personagens não foram inventados. "Apenas observei e coloquei nos personagens características de seus "inspiradores". Todos conhecem uma Mônica, uma Magali, um Cascão, ou têm um cachorrinho parecido com o Bidu". Assim foi criando os personagens. Nos primeiros anos eles baseavam-se em observações. O Cebolinha era

um garoto que andava por perto de minha casa, durante a minha infância. Foi meu pai quem lhe deu esse nome, por causa do cabelo espetado. Ele era amigo do Cascão, que também existiu e inspirou o personagem. Franjinha era um sobrinho meu, que morava em Bauru; Chico Bento era um tio-avô que não cheguei a conhecer, mas me inspirou porque minha avó me contava muitas histórias dele. A maioria

dos personagens foi baseada em gente que existiu, que me passou algo.

No caso das meninas, fui para casa e comecei a prestar atenção nas minhas filhas. E lá estava a Mariângela, minha primeira filha, brincando com a Mônica, que arrastava um coelho pela casa tentando bater na Magali, que comia uma melancia inteira. Então, criei os personagens baseados nas meninas. Fiz uma caricatura psicológica e deu certo.

"Primeiro foi a Mônica, depois veio a Magali e a Mariângela virou a Maria Cebolinha. Ainda inspirado nos meus filhos, criei a Marina, a desenhista da turminha, o Mauro, que é o Nimbus, e o



Mônica

Mônica é o personagem mais conhecido de Mauricio de Sousa. Representa uma menina forte, decidida, que não leva desaforo para casa mas, ao mesmo tempo, tem momentos de feminilidade e poesia. Mora com os pais, e vive para baixo e para cima agarrada a um coelho de pelúcia. É esse coelho, que ela trata com todo o carinho, que serve de "arma" contra os meninos. Principalmente Cebolinha e Cascão, que não param de "aprontar" com ela. Mauricio criou Mônica em 1963, inspirado em sua filha, que tem o mesmo nome. No início, saía nas tiras do Cebolinha e nos jornais. Depois começou a roubar a cena e ganhou sua revista própria, em 1970. Hoje, além dos quadrinhos – onde aparece na história como líder imbatível e dona absoluta da rua – Mônica é estrela de cinema e teatro, faz propaganda de vários produtos e campanhas educativas e comerciais de tevê. Estrela mais versátil, impossível.



“” Estamos sempre nos inserindo nas mais diversas mídias, utilizando os recursos tecnológicos disponíveis no mercado. Temos de estar na internet e nos jogos para atingir a massa .-.)

Mauricinho, o Do Contra. Os meus outros filhos em breve também estarão nas histórias: as gêmeas Vanda e Valéria, Maurício e o Marcelinho, que será o ‘certinho’. Tem os novos personagens, que já fazem parte da Turma: Dorinha, uma menina cega; Bloguinho, que fala o ‘internetês’ – linguagem da internet –; e Luca, um menino cadeirante que é fã do Herbert Vianna, dos Paralamas, e também é chamado de Da Roda pelos amigos”.

Deficiência e eficiência

Pessoas portadoras de deficiência não estão fora do universo vivido pelo desenhista, tanto que, com a Dorinha, deficiente visual, mostra a sensibilidade do cartunista para com problemas sociais.

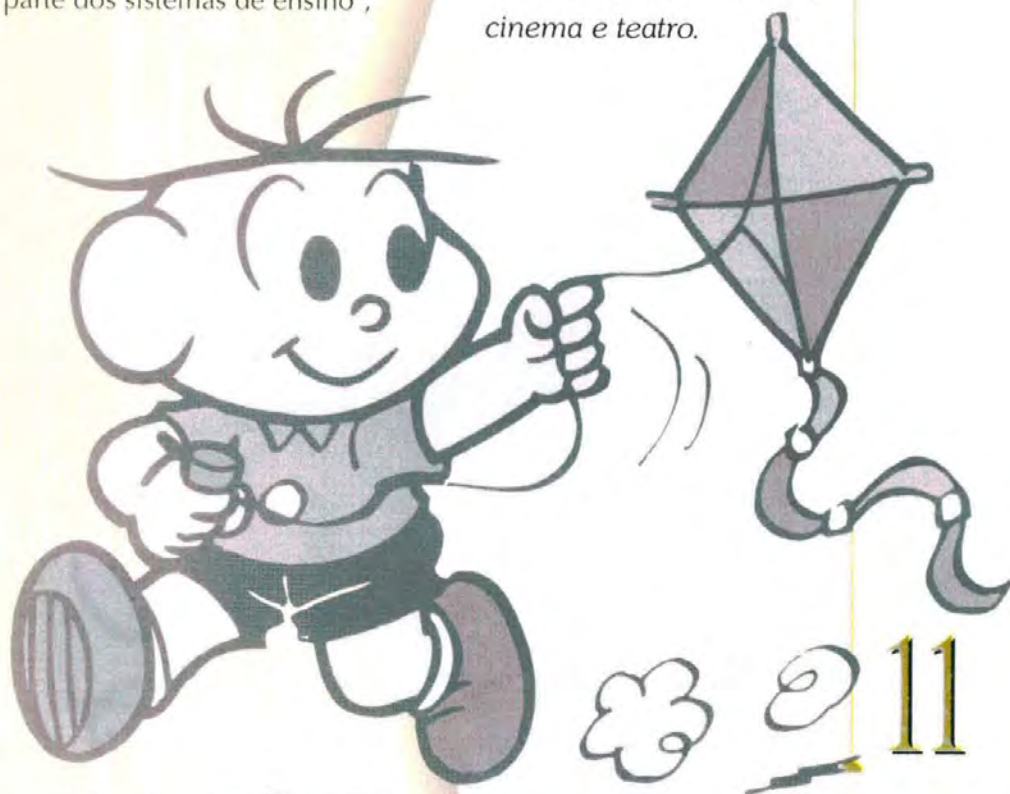
Para Mauricio de Sousa, é uma velha idéia criar personagens

com algum tipo de deficiência. "Seria (é) um bom exercício de inclusão, nas histórias que escrevemos para milhões de crianças, muitas delas em contato com outras crianças deficientes. Agora, mais do que nunca, com a inclusão sendo parte dos sistemas de ensino",

Cebolinha

Cebola, um garoto de cabelos espetados que, quando falava, trocava o “R” pelo “L”, existiu mesmo, fazia parte de uma turma de garotos, de Mogi das Cruzes, e acabou emprestando suas características para o Cebolinha.

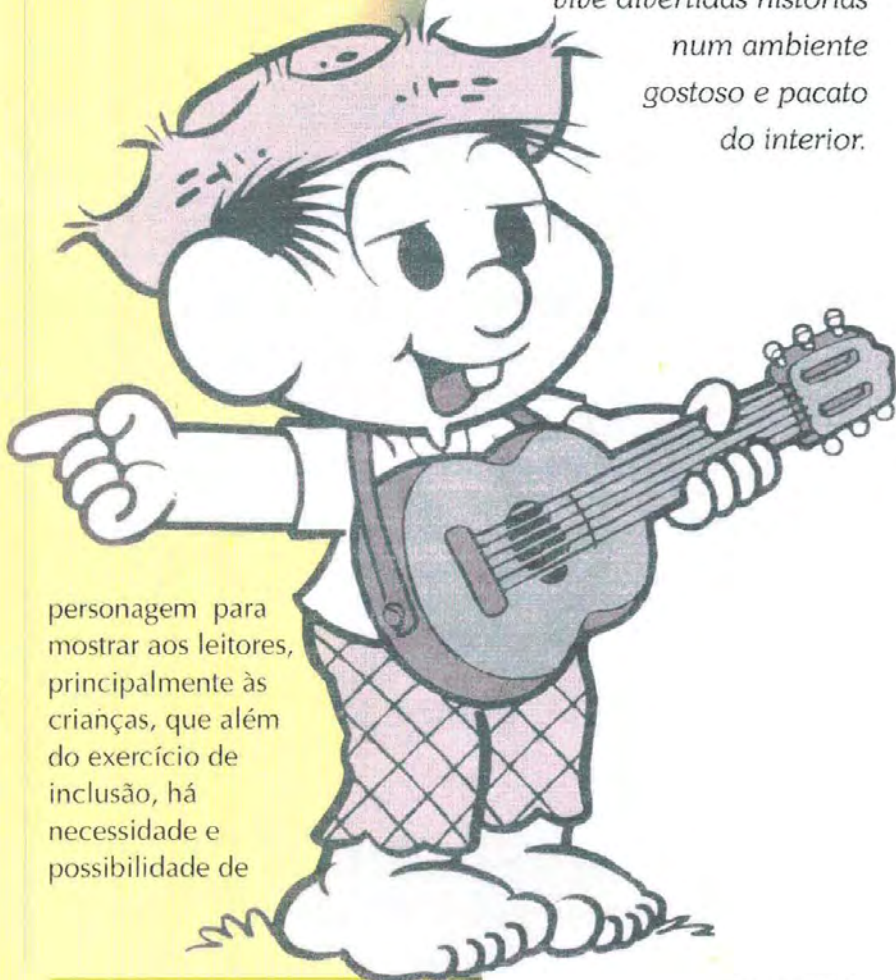
Ele já foi mais gordinho, mais crescidinho e até mais cabeludo, mas sempre com o mesmo jeito “englaçado” de falar. Parceiro de aventuras – ou seria melhor dizer “vítima”? – da Mônica, a quem vive tentando derrotar com seus “planos infalíveis”, Cebolinha teve sua revista lançada em 1973; nas horas vagas também é astro de tevê, cinema e teatro.





Mauricio de Sousa não guardou só para si as fantasias da imaginação

esclarece o desenhista com satisfação. Mas ainda que não fosse. "A idéia de crianças com deficiências que se superam sempre, me pareceu uma boa referência para ser passada aos leitores. E como é de nosso estilo e proposta, sempre surgem em histórias alegres, divertidas, com algumas mensagens e valores positivos nas entrelinhas", justifica. "Quando estava fazendo os primeiros desenhos e falando com algumas crianças cegas para me informar, conheci a senhora Dorina Nowill, fundadora do instituto para cegos que leva seu nome. Uma organização exemplar dirigida por uma pessoa exemplar. Da nossa conversa, do seu entusiasmo, da alegria e vivacidade, nasceu o nome Dorinha. Em homenagem à senhora Dorina, criei o



personagem para mostrar aos leitores, principalmente às crianças, que além do exercício de inclusão, há necessidade e possibilidade de

Chico Bento

Criado em 1961, teve como modelo um tio-avô de Mauricio, sobre quem ele ouvia muitas histórias contadas pela avó. Em agosto de 1982, foi lançada a primeira revista, em que a Turma da Roça – entre eles a Rosinha, namorada do Chico Bento, o Zé Lelé, o Hiro, o Zé da Roça, a professora Dona Marocas, o padre Lino e vários outros personagens – vive divertidas histórias num ambiente gostoso e pacato do interior.

exercitem mais intensamente todos os sentidos. Alguns são ofuscados pelo uso da visão, que é responsável por mais de 80% das sensações que nos chegam ao cérebro.

A Dorinha é uma menina bonita, gentil, inteligente, vaidosa e alegre, sempre pronta para colaborar nas brincadeiras da turminha. Sua diferença é a de não enxergar. É cega. Usa óculos escuros (acha *fashion*) e, geralmente, anda acompanhada por um cão labrador, treinado para conduzir cegos: o Radar. Quando não está com o Radar,

usa uma bengala para se sentir mais segura enquanto caminha. Suas roupas são bem transadas, coloridas, de bom gosto. Desde sua primeira historinha (quando se apresenta à turminha), encantou todo mundo com sua esperteza e pleno uso de seus outros sentidos fora a visão. Está ensinando a turminha a ouvir os sons do mundo, os cheiros, sabores e sensações táteis. Vai, também, ensinar braile para a turma".

Tempos modernos

Bloguinho é aquele menino que todos conhecemos, hoje,

que faz tudo para não ficar longe do computador e de suas salas de bate-papo. É irmão do Teveluizão, personagem lançado há muitos anos, e é um telespectador compulsivo. O Bloguinho, em vez de TV, vai para o lado da internet. Fala com a linguagem dos jovens freqüentadores dos chats, usa nicknames e sabe tudo o que está se passando no mundo virtual. Ou tenta saber. "Mais uma vez, meus filhos. Os jovens começaram a me bombardear com mensagens escritas na nova linguagem dos bloguistas. Custei a entender algumas das mensagens. Estudei um pouco e já posso me comunicar de novo com eles. Em termos", confessa Mauricio de Sousa.

Lançamento para 2005

Uma família de negros vai se mudar da Bahia para o Bairro do Limoeiro, em São Paulo. Essa família tem dois meninos: um gosta de música erudita e o outro, de música popular.

"Eles vão trazer muita música para a Turma da Mônica", garante Mauricio.



13

Cascão

Cascão nasceu em 1961, baseado nas recordações de infância do próprio Mauricio.

Ele conta que, no início, teve receio da reação do público para com este personagem com uma certa "mania de sujeira". A aceitação, entretanto, foi imediata e a popularidade cresceu tanto que, desde agosto de 1982, Cascão tem sua própria revista.